

ÍNDICE

O FUGITIVO DE URIZEN	13
<i>Introdução à segunda edição</i>	
AO ESPELHO DO DÂNDI E DO SÁTIRO	23
O Eu e o Ka	24
A Grafia dos Deuses	30
Com o Rosto de Janus	34
A Segunda Mãe	41
O Geómetra do Diabo	53
O Inferno da Terra	55
Aventuras de um Sátiro	65
Com o Demónio Aleister	69
O Grimório do Libertino	76
A Mulher Maldita	82
Amor Ourobórico	92
Nas Trincheiras de Guerra	95
O Retiro na Blasfémia	99
A Morte e Além Dela	106
A BRUXARIA, A ORGIA E O SABAT	109
A Mulher Messias	109
O Elogio do Assassino	117
A Auto-Deificação	122
A Postura da Morte	127
A Ascese do Sacrilégio	141
O Enforcado Gnóstico	149
<i>Mysterium Magnum</i>	154

Sátiro e Canibal.....	160
A Mestra Megera.....	172
A Mulher Paredros.....	178
Uma Gnose Erótica.....	193
Vícios da Alma.....	205
O Sabat dos Tolos.....	213
 A TEURGIA, A CARNE E O ATAVISMO	227
A Missa Negra.....	228
A Musa Repulsiva.....	232
O Andrógino Oculto.....	239
A Via do Auto-Amor.....	246
Erotismo Sófico.....	253
O Brado e o Ser.....	257
O Zos e a Besta.....	260
A Evanescência do Kia.....	270
A Teurgia da Carne.....	279
O Mundo Fictual.....	295
A Nova Carne.....	302
Iconografia do Monstro.....	307
Atavismo e Bruxaria.....	314
A Fórmula do Macaco.....	323
A Alma Libertada.....	326
Necromancias Modernas.....	332
A Concubina Gnóstica.....	340
 A MÁSCARA, O SÚCUBO E O DAIMON	345
Máscaras e Cabeças Empaladas.....	346
O Olho e a Mão.....	356
O Automatismo Psíquico.....	367
Artista e Feiticeiro.....	374
A Sigilização Reificante.....	384
A Deusa do Alfabeto.....	389
A Matança do Ego.....	399
O Corpo Fantasma.....	406
Simulacro Sabático.....	413
Sacerdotisa Sucubática.....	422
A Voz do Daimon.....	428
 EPITÁFIO	433
<i>Últimas Palavras</i>	
 LÉXICO	435

O FUGITIVO DE URIZEN

*Introdução à segunda edição, revista,
alterada e aumentada*

Esta é a segunda edição do meu livro sobre Austin Osman Spare, que apareceu, em 2000, com o título *O Culto da Bruxaria no Artista e Feiticeiro Austin Osman Spare*. Ele reaparece agora revisto, bastante aumentado, com novos temas e um novo título, mas também uma perspectiva diferente: mais distanciada e desapaixorada. A velha edição quase desapareceu nesta refundição. O título foi, por isso, alterado para individualizar esta edição em relação à anterior publicada pela Edições Mortas. Tratou-se de uma pequena edição de 700 exemplares feita pelo editor António Oliveira das Edições Mortas, conhecido no meio literário como o poeta A. da Silva O. Tendo sido distribuída por um número muito reduzido de livrarias em Portugal, sendo a maior parte dela vendida à mão. Mesmo assim, com todas as limitações editoriais de uma quase clandestinidade, a edição venceu misteriosamente a barreira geográfica do anonimato e as fronteiras do espaço físico quando veio a ser descoberta em Inglaterra por Gavin Sample e Clive Harper. Então, fui honrado com um singelo reconhecimento público, juntamente com outros escritores spareanos, pela distinta I-H-O Books, na edição especial do 50.º aniversário da morte de Austin Osman Spare, em 2006, dedicada aos “amigos passados, presentes e futuros” do autor comemorado, em que fui incluído.

Era tempo de surgir uma nova edição, mas com uma distribuição merecedora do respeito e admiração que o livro veio a conhecer antes em Portugal. Tanto mais que a primeira havia sido distribuída num circuito que quase poderíamos dizer oculto, de mão a mão, mas também em algumas



livrarias *underground*. Desde então surgiram novos autores que fizeram reemergir a importância da obra, tanto artística como literária, de Austin Osman Spare para o grande público. Deve-se, na minha opinião, ao Dr. William Wallace o esforço sistemático de colocar o estudo da sua obra artística num contexto de pesquisa universitária. É com prazer salientar que o mesmo está a acontecer em Portugal. A recente Tese de Mestrado em Filosofia do Dr. Hugo Calhim, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, é o primeiro exemplo¹ disso, assim como o estudo do esoteriologista José Leitão sobre os paralelos epistemológicos entre Fernando Pessoa e Austin Osman Spare². Elas anunciam a possibilidade de surgir em Portugal um renascimento nos estudos e pesquisas universitárias típicos da esoteriologia, ainda muito presas entre nós ao bafo dos temas da Maçonaria e das ordens iluministas inauguradas pelos estudos de Antoine Faivre. Neste momento está a nascer, por isso, no meio universitário português uma nova geração de pesquisadores do Esoterismo Ocidental, no quadro do que se convencionou chamar, segundo a escola francesa, de Esoteriologia.

Eu tenho um problema muito sério com a Esoteriologia. É que, na sua generalidade os esoteriologistas, são como os escritores de técnicas natatórias: escrevem sobre elas, mas sem sequer saberem nadar. São nadadores de bóia em piscina, rebocados pelas ideias standardizadas e convencionais da filosofia universitária, sem qualquer tipo de experiência directa e gnósica do que abordam. Na prática, a esoteriologia é uma espécie de taxidermia intelectual. Matam o texto vivo para o mumificar num pensamento empalhado pelo logicismo universitário, antitético ao Esoterismo. Um lobo embalsamado já não uiva. Na verdade, o Esoterismo emerge de uma dimensão de realidade que o pensamento e a razão não alcançam, uma realidade selvagem que é do domínio da sensação pura, tanto imaginal como corporal. Trata-se de uma zona rarefeita do Espírito onde predomina o Silêncio e o eu e a palavra convencional claudicam no paradoxo do Verbo Sapiencial feito Carne.

Na *Oração da Manhã* designada por *Adonai*, Austin O. Spare diz: “Ó Ser... posso eu sentir-te nos sentidos das paixões que se erguem, consumindo-me inteiro a atenção?”³ Os “sentidos” do esoterismo referem-se a um processo

¹ CRISTÓVÃO, Hugo E. S. Calhim - *The Dionysian, Zos vel Thanatos, and the Zoetic Art-Sorcery of Austin Osman Spare*. Porto: [S.n.], 2016. Dissertação de Mestrado.

² LEITÃO, José - *Phantoms and Figments: Comparing Magical Practice and Artistic Creation in Fernando Pessoa and Austin Osman Spare*. Acesso Privado.

³ VÁRIOS - *Existence: Austin Spare, 1886-1956*. Thame: I-H-O Books, 2006, p. 15.



AO ESPELHO DO DÂNDI E DO SÁTIRO

Haverá um padrão de excelência de vida, enquanto pensamento e acção, que confira sentido profundo e total à nossa pequena existência utilitária? Essa é uma pergunta que me obcecou toda a vida. Existirá uma maneira de viver onde a rotina e o tédio sejam apenas males menores de uma Passagem que, desde o nascimento até à morte, se possa autodefinir em função de um intenso desejo de transfiguração do sujeito e do real? A esse tipo de ser humano, o místico iluminista Louis Claude Saint-Martin chamava o *Homem do Desejo*. O Desejo de ser mais do que Humano, de ser a expressão do Divino. Mas sejamos menos metafísicos nas palavras. Por Divino, refiro-me a uma experiência de autenticidade tal que, por um choque semântico, um *coup de foudre*, desloca o Sentido para fora e além dos nossos referentes racionais e utilitários. Esse é o começo de toda a verdadeira Iniciação. O primeiro passo da genuína Iniciação é decapitar a consciência social e culturalmente padronizada: matar o humano.

Olhar a vida dos homens, dos outros homens, sobretudo os que evoluam à nossa volta como um enxame de moscas, é uma oportunidade para observar como fazemos parte de uma estrutura padronizada de vida e consciência amnésica que não queremos ser. Contudo, ela permanece reflectida na nossa própria vida padronizada. Ela é tudo aquilo que o Iniciado não quer ser. Da contemplação da estupidez humana institucionalizada em valor cívico e moral, espelhada na cultura moderna, pode despertar, pelo choque da própria revelação, o primeiro impulso para ser mais do que Humanidade. Os desenhos e pinturas de Austin Osman Spare podem cumprir essa função de anagógia e anamnésia, de Iniciação.



A nossa vida repete-se constantemente na vida dos que nos rodeiam. Somos abelhas numa colmeia social. Ver os outros, essas laboriosas abelhas deste mundo racional e prático-utilitário é, por isso, muitas vezes, uma forma eficaz de compreendermos a tanta ausência de sentido das nossas próprias vidas. Esse é o sentido da Iniciação por excelência: ultrapassar na nossa própria vida quotidiana os condicionamentos miméticos de sermos humanidade domesticada pela razão e a moral e acedermos a dimensões supra-rationais e supra-individuais de consciência. A verdadeira Iniciação apela ao Sentido. Que formidável ambivalência esconde esta Palavra! Por isso, a Verdade só se desvela inteira aos sentidos. O esoterista e o mágico são os homens e mulheres do espelho. O Esoterismo está muitas vezes ligado ao Mistério do Espelho. Foi através dele que emergiu, pelo processo lacanianiano de criarmos a nossa própria identidade, a noção de eu autónomo. Porém, o espelho do esoterista ora é côncavo, como um olho vazado, ou convexo, como um seio, tal e qual como toda a arte de Austin Osman Spare. O que ela reflecte, contudo, não é a pessoa, mas o Não-Eu, o Anti-Ser. O espelho do esoterista é um dispositivo necromântico para comunicar com as partes aparentemente mortas da nossa identidade.

O EU E O KA

Repetimos insanamente, numa espécie de formigueiro colectivo, os mesmos gestos, actos, projectos e compromissos de vida de todos os outros humanos, num círculo monótono de “sensação, nutrição, mastigação e procriação”, como dizia Austin Osman Spare⁷. Vivemos vigiados pelos outros no grau de fidelidade que colocamos em nos repetirmos uns aos outros. Há homens, no entanto, que vivem apenas para a completa afirmação da sua alteridade ou, por vezes, a sua estóica indiferença pela Humanidade. Eles vivem para a exaltação de uma vontade radical de auto-transmutação, de ser mais que humano, de uma forma tão intensa que ela só é possível pela completa inversão da ordem moral e cultural. Um desses homens foi Austin Osman Spare, autoproclamado o Estóico, na fase terminal da sua velhice.

Pintor e desenhador de génio precoce e visionário, ao nível de um William Blake, escritor e taumaturgo misto de Fausto e Lautréamont, Austin levou uma vida quase completamente anónima e retirada do mundo humano a partir de 1940, salvo alguns relâmpagos de efémera celebridade artística. Ele tornou-se misantropo por pobreza extrema e para se dar mais

⁷ SPARE, Austin Osman - *Anathema of Zos: The Sermon to the Hypocrites. An Automatic Writing By Austin Osman Spare*. London: Ed. de Autor, 1927.



voar, sair do tempo histórico para a pluridimensionalidade semântica da *hierohistória*. Um dia, a Bruxa, aquela que buscava a experiência da *hierohistória* sob a forma da hierofania do Sabat e do Diabo, este último nada mais que o símbolo vivo do Atavismo por excelência, desceria pela escadaria da Igreja a outras profundezas. Depois de ser obrigada a ouvir a missa e o sermão fúnebre, vestida e ultrajada com o *sambenito* ou o saco bendito, símbolo do opróbrio público, desceria para a sua própria extinção na fogueira.

Austin O. Spare há-de desenhá-las rodeadas de fogueiras e chamas no seu *The Focus of Life*, como se esse fosse o seu elemento natural. Elas são as Filhas do Fogo que Gérard de Nerval relatou. O mesmo Fogo que Heráclito, assim como os simonianos e os alquimistas, consideravam ser a raiz ontológica da Criação e o Logos Sapiencial. Como seres ígneos, sem raiva, nem violência, purificadas e transfiguradas em êxtase, elas permanecem, contudo, emersas numa triste melancolia de Deusas antigas, agora exiladas do mundo dos homens na substância sapiencial universal do Fogo Noético.

UMA GNOSE ERÓTICA

Podemos imaginar o que terá acontecido ao jovem A. O. Spare diante dessa cerimónia de interdito, no qual uma veneranda anciã, transfigurada em súcubo sedutor na sua imaginação visionária, despe os trapos nauseabundos da sua roupa já coçada pelo uso. Como as antigas Deusas Prostitutas da Babilónia faziam, despindo os seus véus opalescentes no *strip-tease* durante a sua descida aos Infernos. Dessa maneira, revela à sua visão a nudez juvenil e apetitosa de um corpo branco e macio como a seda, com todas as generosas convexidades de uma adolescente. Uma cerimónia que, entenda-se, só se pode crer ter sido de ordem imaginária, visionária e interior.

Visões destas, oníricas ou não, implicam o agudizar e a intensificação das sensações da Alma, a um ponto tal de extrema intensidade e objectividade que, para quem as experimenta, são mais verdadeiras que os factos mornos e opacos da experiência empírica da nossa existência quotidiana. Quando a experiência dos sonhos se torna numa intensidade sensorial tal que é superior às sensações da vida de vigília presas na fosca opacidade de um mundo de sombras, começamos então a perceber que vivemos em dois mundos diferentes com a mesma objectividade. Interrogamo-nos, então, qual deles é o verdadeiro, como só pudesse existir uma só verdade! Toda a Iniciação na Bruxaria é uma cerimónia privada nos recessos mais arcaicos da nossa mente, da nossa Alma, numa experiência de lucidez e intensidade sensorial tal como é característico do sonho lúcido e epifânico.



A Bruxaria é a experiência visionária, íntima e directa, da dimensão arcaica onde o valor ontológico dos opostos é invertido e transcendido. Austin O. Spare encarna, no início do séc. XX, o modelo da Via de alguns sufis e xamãs de Marrocos que se uniam a súcubos femininos da natureza dos *djins* para receber o poder carismático e a santidade do conhecimento sapiencial. Entra-se no universo da Bruxaria como as almas dos mortos, entre os egípcios, entravam dentro do Duat. Aí eles encontravam o universo virado de pés para o ar. Se conseguir permanecer lúcido nessa viagem visionária, ela pode tornar-se uma experiência de verdadeira Gnose. Tudo o que é proibido e condenado na morna moral do homem civilizado é, por isso, o verdadeiro sacramento da liberdade iluminativa. Isso enquadra-se na ideia já defendida por Lord Edward Bulwer-Lytton (1803-1873), no seu romance *O Poder da Raça que Há-de Vir* (1871), de que os párias e os proscritos são os únicos tipos de pessoas apropriadas para a Iniciação. Não o bom burguês preso nas convenções morais e religiosas. Toda a Libertação supõe que primeiro se desenvolva o sentido de oposição a tudo o que em nós é domesticação e alienação. Sem dúvida, uma boa parte da vida de A. O. Spare foi vivida como um pária.

Não se estranha, por isso, que A. O. Spare se inscreva na longa tradição iniciática do proscrito cainita, prescrita pela fórmula de inversão dos valores, típicos da Alquimia, assim como do Sabat Demonológico e da Missa Negra. Demonológico porque convoca o Daimon sob o disfarce do Diabo. A lucidez e a liberdade do sonho epifânico, representado ou vivido no Sabat, onde o Desejo é todo destruidor e criador simultaneamente, é a verdadeira Missa Negra. Ela permite que a nossa consciência se abandone ao movimento centrípeto e retrógrado de inversão e regressão da consciência moral e do corpo domesticado a um estado primitivo e esquecido da humanidade em que esta recorda de novo a sua hibridez com a planta, o animal e os deuses plurimorfos. Quando acordamos da beleza desse pesadelo visual e sensorial interrogamo-nos, então, se esta realidade corporal do nosso estado opaco de vigília não será um pesadelo de logros sombrios, o nosso *Inferno do Real*, como diz Spare.

O cerne dessa cerimónia onirosófica é de carácter sexual. Não a sexualidade insípida do bom burguês, mas a sexualidade dionisíaca, desenfreada e obscena do pária gnóstico. Spare refere-se, por isso, a esse estado extático-sexual, para que não haja alguma dúvida, como sendo de “*sexualismo primal*”²⁰². Nesta Iniciação de A. O. Spare, relatada através das suas

²⁰² *Focus of Life*, *idem*, p. 56.



Na história de Édipo, que ilustra já uma narração iniciática tardia e mal compreendida, este conhece a sua primeira mãe adoptiva em Corinto, cidade do culto a Afrodite, onde era a Rainha e a Suma-Sacerdotisa. Mais tarde, reencontra a sua verdadeira Mãe, sem o saber, como Jocasta. Apaixona-se depois por ela, sem a reconhecer por detrás da sua apaixonada relação de amante. Édipo representa o modelo do Iniciado dos Mistérios de Afrodite num momento de crise dos cultos à Grande Mãe. São muitas as vezes em que projectamos inconscientemente a imagem esbatida da nossa mãe sobre a nossa amante, sem o sabermos, numa espécie de simulacro do incesto. O que nela procuramos é, por vezes, essa arcaica lembrança de um mito onde a Mãe é a Grande Prostituta, como a Deusa Ishtar da mitologia, num ciclo sucessivo de mortes e ressurreições, de incestos mágicos, para os quais já perdemos por vezes as chaves simbólicas de uma transmutação psíquica.

Só quando percebemos que esta Mãe e Amante é uma velha Imagem Arcaica da Mulher dentro de nós mesmos, que trazemos dentro de nós ansiando reactualizar-se, é que entendemos que o Amor que procuramos é apenas a projecção de uma Mulher Interior que trazemos dentro de nós. Ela é o esmaecido reflexo da primeira mulher que um dia conhecemos: a nossa mãe. É então que começa o verdadeiro encontro com a Feiticeira, aquela que nos mitos é a Rainha dos Demónios e que Carl G. Jung chamou de *Anima*, a nossa Alma: Lilith. Só então poderemos entrar no Sabat, amar essa Rainha desnudada e reconhecer no Diabo o que, no fundo, é a nossa essência mais profunda: o Andrógino.

O SABAT DOS TOLOS

A expressão *Sabat* refere-se ao dia de repouso dos hebreus. Ela veio a ser empregue como nome do local de reunião das bruxas desde o julgamento inquisitorial de Toulouse em 1335, depois de ter oscilado entre “*vauderie*” e “sinagoga”, para se fixar finalmente nos sécs. XV e XVI na designação *Sabat*, numa época de emergência do anti-semitismo no espaço cristão europeu. Repousar é entregar-se às nossas forças vitais, quase sempre serenamente e de forma a que não se possa exauri-las, para nelas se regenerar o Corpo e o Espírito. Outras vezes, o acto de repousar era também um momento para intensificar as forças vitais, em vez de as serenar, através de danças e folias, festas e romarias. Um dos nomes que lhe eram associados, por isso, entre os teólogos, a partir do séc. XV, era o de “dança das bruxas” e “o jogo das bruxas”. Para o judeu comum, era um dia de tranquilo recolhimento no seio da *Shekinah*, a face feminina e sublimada



de Deus. O dia de Sábado abre ao Reino de Saturno, a Era de Ouro em que não se necessita de trabalhar para o nosso provento. Uma época anterior à noção que temos de pecado e exploração humana, num convívio fraterno com os animais e a floresta. O repouso tem, então, uma forte componente edénica de *participação mística* na Natureza.

É claro que o devoto judeu vivia o repouso de uma forma sublimatória e religiosa, de uma maneira contida e meditativa. Contudo, para o autóctone ocidental, o repouso é sempre uma oportunidade para regressar a uma experiência originária de asselvajamento e fusão transgressora na Natureza, nas dimensões viscerais do corpo, nas suas raízes pagãs. Procura-se, então, a floresta, o mar, a praia, a montanha, isto é, a vida livre e pura dos elementos. Regenerar-se no Corpo e no Espírito, experimentar o *continuum ontológico* entre um e outro que o trabalho rompe na sua obra prometeica, já não é totalmente possível para o homem ocidental. Para ele, este repouso tem de ser, também, uma descida a certos modelos arquetípicos primordiais de asselvajamento que dão ao corpo a oportunidade de voltar a ser Natureza.

Pela dança, o vinho e as virtualhas, o corpo liberta-se do recalçamento moral que o cindiu da Natureza, através de um transitório asselvajamento, num desprendimento sensorial de retorno à beatitude carnal, como que em arrebatamento anabásico. Talvez por isso, alguns autores ocidentais quisessem ver, com razão, na expressão *Sabat* uma referência implícita a *Sabazios*, a teofania de Dionísio na Frígia, cujas cerimónias de Mistérios eram chamadas, por isso, de *Sabazias*. É óbvio que os monges eruditos que conheciam muito bem as descrições dos autores clássicos, sobretudo romanos, deveriam ter percebido a similitude fonética entre *Sabazius* e o *Chabat* dos judeus, para a usarem de forma tão cinicamente indiscriminada sob a forma de *Sabat*. Mas outras hipóteses foram adiantadas para a escolha desta palavra. Pergunto, no entanto, se ela não terá sido criada em lembrança da Rainha de Sabá, a mulher que os rabinos julgavam ser a encarnação de Lilith quando visitou o Rei Salomão. Isso enquadrar-se-ia muito bem na ideia apresentada no *Malleus Malleficarum* de que a Bruxaria era um assunto de mulheres libidinosas sensíveis à tentação do Diabo.

Filho de Kaprios, o Bode, Sabazios une-se sob forma de Serpente à sua própria Mãe, como fez Édipo. Lembremo-nos mais uma vez, então, dessa representação icónica de mulher bafométrica desenhada no *Ophidian Oracle* por A. O. Spare. As mistagogias sabázicas eram, por isso, festas dissolutas, lúbricas, que nos lembram bastante o modelo imaginário do Sabat. É óbvio que este modelo gnóstico, que visava sobretudo desautorizar as heresias